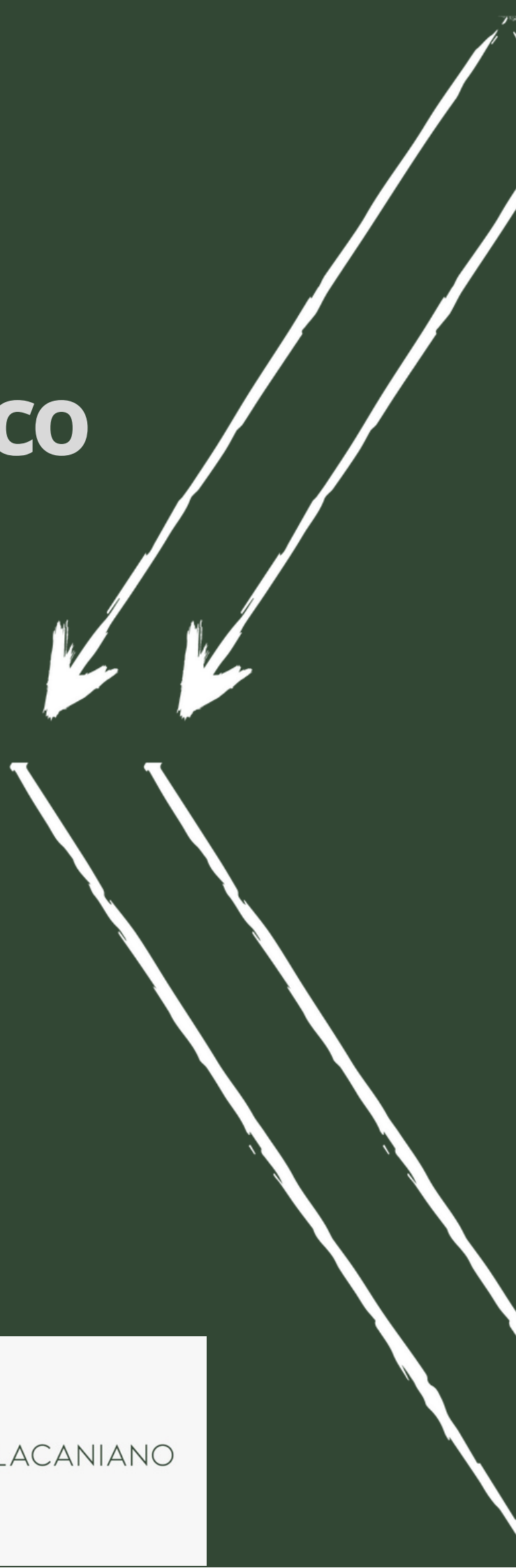


# O mito individual do neurótico



## Prólogo

O presente texto foi trabalhado por Lacan em 1953, época em que já atuava e realizava falas no hospital *Sainte-Anne*, em um período de intensa notoriedade para o francês, visto que na mesma época é até mesmo selecionado para realizar sua fala na Conferência de Roma, onde apresenta o famoso trabalho “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”.

Neste momento Lacan lança mão de conceitos e casos da obra de Freud para estipular, através de conceitos bastante próprios, como se dá a formulação das verdades neuróticas. Entrelaça-as ao conceito de *mito* como constitutivo de qualquer verdade possível ao sujeito psicanalítico, abrindo espaço para a teorização do próprio conceito de verdade no campo – e como campo.

Durante seu desenvolvimento o autor utiliza o caso clínico do Homem dos Ratos – um caso de neurose obsessiva – para desenvolver os conceitos supracitados e demonstrar os *mitos* específicos que o permearam sob sua própria ótica teórica, destacando, a possibilidade de trabalhar o conceito de *mito* em clínica apartado das noções articuladas no Complexo de Édipo freudiano.

Por fim, Lacan lança mão de obras literárias, em especial “poesia e verdade” de Goethe, no qual aproxima a relação entre *mito-verdade* constituindo, novamente, uma crítica ainda mais aprofundada da tomada do *mito* em psicanálise como sempre observado em situação edípica específica e extremamente delimitada, colocando no lugar funções linguísticas, lógicas e teóricas que podem se apresentar com uma pluralidade de maneiras.

Fonte:

[http://staferla.free.fr/Lacan/le\\_mythe\\_individuel\\_du\\_nevrose.htm](http://staferla.free.fr/Lacan/le_mythe_individuel_du_nevrose.htm)

***Paula Cubilhas***

(71)997313460

[paulacubilhas@gmail.com](mailto:paulacubilhas@gmail.com)

***Jorge Henrique de Paiva***

@jogehenriquedepaiva

(22)998409347

[jogehenriquedepaivapatricio@gmail.com](mailto:jogehenriquedepaivapatricio@gmail.com)

***Leonardo Marçal***

@leonardo.marcal.psico

(16)982280222

[leopsico16@gmail.com](mailto:leopsico16@gmail.com)

***Yan Lázaro Santos***

@yan\_psicanalise

(16)992618143

[yanlazarosantos@gmail.com](mailto:yanlazarosantos@gmail.com)

## O MITO INDIVIDUAL DO NEURÓTICO

Vou falar com vocês sobre um assunto que deve ser descrito como novo, e que como tal é difícil.

A dificuldade desta apresentação não é tanto intrínseca a ela, mas deve-se ao fato de que se trata de algo novo que minha experiência analítica é uma tentativa, no curso de um chamado *seminário* de ensino, para renovar, ou apenas para aprofundar, o ensino teórico do que pode ser apresentado como a realidade fundamental da análise.

Extraír esta parte nova e original para fazer vocês sentirem o alcance deste ensino, e fora desta experiência para uma boa parte de vocês, é, portanto, algo que envolve dificuldades muito especiais na apresentação. Para isso, peço-lhes desculpas com antecedência se talvez alguma dificuldade apareça para vocês de início, pelo menos à primeira vista, do que se tratará.

A Psicanálise - devo dizer isso e recordá-la no preâmbulo - é uma disciplina que, em todas as ciências, mostra-se para nós com uma posição realmente especial. Diz-se frequentemente que a psicanálise não é uma ciência propriamente dita, o que parece indicar, por contraste, que podemos simplesmente *dizer que é uma arte*. Certamente não se pode dizer algo semelhante se se entende simplesmente por "*arte*": técnica, conjunto de fórmulas ou de receitas, método operacional, *práxis*, seja o que for desta ordem.

Simplesmente, acredito que o termo "*arte*" deve ser usado lá no sentido em que foi usado na Idade Média, quando estávamos falando sobre as *artes liberais*<sup>1</sup>. Você sabe que esta série, que vai da *astronomia* à *aritmética* e *música*, *dialética*, *gramática*, *geometria*. É essa arte, da qual é certamente difícil para nós realizarmos no momento.

---

<sup>1</sup> Tradicionalmente, sete artes liberais se distinguem. Três deles, gramática, retórica e dialética, formam o trivium. Os outros quatro, aritmética, geometria, astronomia e música, formam o quadrivium. Para outros, o trivium representa as três artes, o quadrivium as quatro ciências.

Para relatar agora, qual era a função e escopo na vida e pensamento dos mestres medievais.

É certo que o que caracteriza estas *artes*, e as distingue das *ciências* que, em suma, teriam saído das *artes liberais*, é a manutenção em primeiro plano de algo que pode chamar-se a sua relação essencial, fundamental, *à medida do homem*. Bem, eu acredito que *a psicanálise* é atualmente, talvez a única disciplina que é algo comparável a essas *artes liberais*, para este relatório interno:

- Que nunca pode de alguma forma ser esgotada,
- Cíclica, fechada sobre si mesma,
- Esta relação de medida do homem a si mesmo, muito especialmente e por excelência, que é o uso da linguagem, o uso da palavra.

E é isto que torna a experiência analítica impossível de esgotar em qualquer relação, que não é decisiva e definitivamente objetivável, uma vez que, em suma, a própria relação analítica implica sempre em si mesma a constituição de uma *verdade* que, de certa forma, não pode ser dita, uma vez que o que o constitui e o que o diz é *a palavra*, e que seria necessário de certa forma dizer a própria *palavra*, que é, estritamente falando, *o que não pode ser dito como discurso*.

Por outro lado, é certo que vemos uma série de técnicas emergindo da psicanálise que, com base nesta experiência, tendem a objetivar uma série de possibilidades de ação, uma série de meios de agir sobre o objeto humano. Mas estas são apenas ciências de uma espécie, derivadas daquela arte fundamental que é a relação intersubjetiva que constitui a própria análise.

Esta relação que não pode - como eu disse - ser esgotada em si mesma, pois está no cerne do que nos torna humanos em nossa relação com outro ser humano. É, portanto, algo que seremos mais ou menos levados a tentar expressar de qualquer maneira, em uma

fórmula que dê sua essência. E é por isso que, dentro da experiência analítica existe algo que é propriamente chamado de *um mito*.

Sendo *o mito* precisamente o que pode ser *definido como o que dá uma fórmula discursiva a este algo que não pode ser transmitido na definição da verdade*, uma vez que a definição *da verdade* só pode se apoiar em si mesma, e é como *a palavra*: Progride por si mesma - e, por exemplo, no campo *da verdade*, a constitui.

Ela não pode compreender a si mesma, nem pode compreender este movimento de acesso *à verdade* como uma verdade objetiva, só pode expressá-lo de uma forma *mítica*, e é de fato neste sentido que podemos dizer que, até certo ponto, em que se concretiza a palavra intersubjetiva fundamental, como tem sido manifestada na doutrina analítica: *o complexo de Édipo* tem, dentro da própria teoria analítica, um valor de *mito*.

O que eu lhes trarei hoje é precisamente uma série de fatos experimentais, que tentarei exemplificar, sobre algo que é muito fundamentalmente conhecido por todos aqueles que estão, de perto ou de longe. Vou tentar exemplificar, a respeito de algo que é muito conhecido por todos aqueles que são, de perto ou de longe, iniciados na experiência analítica: é a existência de certo número de formações que observamos espontaneamente da vivência, na experiência, dos assuntos que tomamos analiticamente - os assuntos neuróticos, por exemplo - que conduzem a este mito edipiano, na medida em que estão no coração da experiência analítica, certas modificações estruturais que são exatamente correlativas ao progresso que nós mesmos fazemos dentro da experiência analítica, e na compreensão desta experiência.

Isto é, de certa forma, o que nos permite compreender, no segundo nível, que toda a teoria analítica é esticada dentro da distância que separa o conflito fundamental que, por intermédio da rivalidade com o pai, liga o sujeito a um valor simbólico essencial - mas, como você verá, isso é sempre uma função de certa degradação concreta, talvez ligada a

condições, a circunstâncias sociais especiais, da imagem e da figura do pai - experiência tensa, portanto, entre esta *imagem do pai* e, por outro lado, *uma imagem* que a experiência analítica permite-nos medir cada vez mais as incidências no próprio analista ao passo que, de uma forma certamente velada, mascarada, quase negada pela teoria analítica assume, no entanto, de forma quase clandestina, a situação - na relação simbólica com o assunto - desse personagem, muito apagado pelo declínio de nossa história, que é, em suma, a *do mestre*: o mestre moral, o mestre que inicia, na dimensão das relações humanas fundamentais, aquele que está na *ignorância*, o que podemos chamar de certa forma de acesso à consciência, até mesmo à sabedoria, ao tomar posse da condição humana como tal.

Lembro, então, que se nos baseamos numa definição que pode ser dada do *mito* como certa representação objetiva de um *ἔπος [epos]*\* para dizer o mínimo de um gesto expressando de forma imaginária as relações fundamentais características de certo modo de ser do ser humano em uma determinada época, pode-se dizer que, muito da mesma forma que o *mito* se manifesta no nível social - ou seja, latente ou patenteado, virtual ou realizado, pleno ou esvaziado de seu significado e reduzido à ideia de uma mitologia - podemos encontrar, na própria experiência do neurótico, podemos encontrar todos os tipos de manifestações que se encaixam adequadamente neste esquema, e que podemos dizer que é, a rigor, um *mito*.

E vou mostrar-lhes isto, em um desses exemplos que acredito serem os mais familiares à memória de todos vocês que possam estar interessados nestas questões, em relação a uma *das grandes observações* de FREUD. *Estas grandes observações* de FREUD, que periodicamente desfrutam de um renascimento do interesse pelo ensino,

---

\*epos- algo falado: discurso, história, canção, palavra, promessa; palavra em oposição à ação; sujeito; uma linha de poesia- (no plural) poesia épica.

você os conhece, eu não vou enumerá-los. O que eu vou falar é *aquele chamado O homem dos ratos*<sup>2</sup>. O caso é marcante e nos parece bastante claro.

Não é surpreendente ouvir opiniões como a que ouvi recentemente de um de nossos ilustres colegas sobre o uso da técnica: ele mostrou uma espécie de desprezo por esses textos, chegando ao ponto de dizer que não só a técnica era desajeitada, mas também arcaica...

O que, afinal de contas, pode apoiar-se, em relação aos progressos que fizemos, precisamente com base numa tomada de consciência *da relação intersubjetiva* tal como se manifesta atualmente na essência da análise, na continuação do tratamento, colocando em primeiro plano as relações que se estabelecem entre o paciente e o sujeito, e o intérprete interpretando, de certo modo, apenas através desta atualidade, o que serviu para constituir esta personalidade do assunto que temos de tratar.

...mas meu interlocutor poderia chegar ao ponto de dizer que esses casos foram mal escolhidos?

De fato, pode-se dizer que estão todos incompletos, que para muitos são análises que pararam no caminho, que são, afinal de contas, peças de análise.

Isto deve nos encorajar a refletir, a nos perguntar por que essa escolha foi feita por seu autor, e bem confiar em Freud. Pois não basta dizer - como a pessoa que fez estas observações continuou a dizer - que isto certamente teve apenas este resultado, que foi encorajador para nós, de nos mostrar que um pequeno *grão de verdade* em algum lugar era suficiente para que esta pequena verdade viesse e emergisse no meio das dificuldades, os obstáculos que a exposição poderia colocar em seu caminho.

Creio que esta não é uma visão justa das coisas, e que, na verdade, nestes casos,

---

<sup>2</sup> S. Freud: "Observações sobre um caso de neurose obsessiva" em cinco psicanálises, PUF.1954, ou "O homem dos ratos, o diário de uma análise", PUF 1974.



podemos dizer que a árvore da prática cotidiana se esconde daqueles que gostariam de apoiar tal opinião, a ascensão da floresta que surgiu a partir destes textos freudianos. Eu mesmo escolhi *O homem dos ratos*, e acredito que, ao mesmo tempo, justifiquei o interesse desta escolha no trabalho de FREUD.

Trata-se de *uma neurose obsessiva*. Eu não acho que alguém que tenha vindo ouvir tal palestra é sem ter ouvido falar do que é considerado como a raiz e estrutura da neurose obsessiva, ou seja, a tensão agressiva, a fixação instintiva, toda a elaboração genética extremamente complexa que o progresso da teoria analítica colocou na origem de nosso entendimento da neurose obsessiva. Pode-se dizer, é claro, que este ou aquele fragmento destes elementos teóricos, esta ou aquela fase familiar desses tipos de temas fantasmáticos ou imaginários que sempre encontramos na análise de uma neurose obsessiva, podem ser encontrados ao ler *O Homem dos ratos*.

É a história de uma tortura que sempre desfrutou de uma espécie de iluminação singular, mesmo de uma celebridade, que é o de empurrar, por meio de um dispositivo mais ou menos engenhoso, um rato, mais ou menos excitado por meios artificiais, dentro do reto do suplicante. É esta tortura, que provoca no sujeito uma espécie de horror fascinado, que está na origem do desencadeamento nele, não de uma neurose, mas da atualização de temas neuróticos, de uma crise de angústia, e de toda uma elaboração cuja estrutura e interesse veremos agora. Mas é este elemento, que é essencial do ponto de vista da teoria, dos instantes do determinismo de uma neurose.

Isso significa que o que é explicado aqui, e o que por outro lado, será encontrado em todos os tipos de temas da observação *do homem dos ratos*, ou seja, o que lhe dá o seu interesse essencial?

Não só não acredito nisso, mas qualquer leitura cuidadosa desta observação revelará que é a extrema particularidade do caso - como sempre, frisou FREUD, cada

caso deve ser estudado em sua particularidade, exatamente como se nada soubéssemos da teoria - é a particularidade do caso e seu valor particularmente exemplar, do ponto de vista das relações que ali se manifestam, visíveis, em sua simplicidade, verdadeiramente na forma em que podemos dizer que *em geometria um caso em particular* tem uma espécie de superioridade de evidência bastante deslumbrante em comparação com *a manifestação* cuja verdade permanecerá, devido ao seu caráter discursivo, velada sob a escuridão de uma longa série de deduções, enquanto um caso particular pode se mostrar com provas algo que apresenta de uma forma totalmente intuitiva.

Podemos dizer que encontramos aqui algo exatamente análogo ao que acontece em tal caso particular. Eis em que consiste essa originalidade e o que aparece à vista de qualquer leitor atento. Podemos dizer que a constelação original de onde surgiu o desenvolvimento da personalidade do sujeito - falo de "*constelação*" no sentido em que os astrólogos falariam dela - à qual ela deve seu nascimento e seu destino, *sua pré história* quase diria, nomeadamente as relações familiares fundamentais que presidiram à união dos seus pais, o que os trouxe para sua união é algo que acontece de ter um relacionamento, e um relacionamento do qual se pode dizer que talvez seja definível na fórmula de certa transformação propriamente mítica, uma relação muito precisa – com o quê? – com a coisa que parece mais contingente, mais *fantástica*, mais paradoxalmente mórbida, ou seja, o último estado de desenvolvimento do que se chama, nesta observação: "*a grande apreensão assombrosa do sujeito*", ou seja, *o cenário* a que chega, um *cenário imaginário*, como quem deve resolver por ele a angústia causada pelo desencadeamento de sua grande crise.

Deixe-me explicar.

A constelação familiar, a constelação original do sujeito, o que a forma, no que podemos chamar *a lenda*, *a tradição familiar*? Pela recontagem de certo número de traços

que são aqueles que tipificam, ou especificam *a união dos pais*, de seus progenitores, e que são os seguintes.

Primeiro, o fato de que o pai...

Que era um oficial não comissionado no início de sua carreira, que permaneceu um personagem muito não comissionado, com tudo o que isso implica em termos de autoridade - mas algo irrisório - uma certa desvalorização que acompanha o assunto na estima de seus contemporâneos, uma mistura de bravura e brilhantismo, da qual se pode dizer que ele compõe uma espécie de caráter convencional e que se encontra no homem simpático descrito nas declarações do sujeito.

...este pai se encontra depois do seu casamento na seguinte posição: fez o que se chama um *casamento vantajoso*. De fato, foi a sua mulher, que pertence a um meio muito mais elevado na hierarquia burguesa, que trouxe ao mesmo tempo os meios de vida e a própria situação de que se beneficia no momento em que vão ter o seu filho.

Portanto, o prestígio está do lado da mãe. E uma das provocações mais familiares entre essas pessoas - que, em princípio, se dão bem e até parecem estar ligados por um verdadeiro afeto - é uma espécie de jogo repetido com frequência, um diálogo dos cônjuges em que a esposa faz uma alusão divertida e provocadora à existência, pouco antes do casamento, de uma forte ligação do marido com uma pobre, mas bonita garota.

E o marido grita e afirma a cada oportunidade que isso é algo tão fugaz quanto remoto e esquecido. Mas este jogo, cuja própria repetição talvez implique um elemento de artifício, é algo que certamente causa uma profunda impressão no jovem sujeito que mais tarde se tornará nosso paciente.

Por outro lado, há outro elemento do mito da família que não é de pouca importância. O pai teve, durante a sua carreira militar, aquilo a que se pode chamar em termos modestos "*problemas*", e muito grandes problemas nesse sentido. Ele não fez nada mais ou menos do que esbanjar os fundos de que era o guardião, os fundos do regimento em virtude dos seus deveres, esbanjou-os por causa da *sua paixão pelo jogo*, e devia a

sua honra, e até a sua vida - pelo menos no sentido da sua carreira, da figura que pode continuar a fazer na sociedade - apenas com a intervenção de *um amigo que lhe emprestou o dinheiro* de que precisava para pagar, e que, por conseguinte, foi o salvador, neste episódio que ainda se fala como algo que foi realmente importante e significativo no passado do pai.

É assim que a constelação familiar procura o jovem sujeito. Isto, *é claro*, sai peça por peça no decurso da análise e isto, naturalmente, não é relatado ou ligado de forma alguma pelo sujeito a tudo o que está a acontecer agora. É preciso toda a intuição de FREUD - e talvez eu possa indicar-vos mais tarde, o que ele disse nesta ocasião - para compreender que existem aí elementos absolutamente essenciais do *desencadeamento da neurose obsessiva*.

O conflito "mulher rica - mulher pobre" é reproduzido exatamente na vida do sujeito:

no momento em que seu pai o pressiona a se casar com uma mulher rica precisamente, a neurose - e não apenas a crise atual - foi desencadeada. E quando o assunto traz à tona este fato, ele diz, quase ao mesmo tempo:

*"Estou lhe dizendo algo que certamente não tem nada a ver com o que me aconteceu."* Assim, FREUD vê imediatamente a conexão.

Mas o que é significativo, o que pode ser visto, por assim dizer, na visão panorâmica da observação é a estrita correspondência entre estes elementos iniciais, originais e fundamentais do sujeito, e o desenvolvimento final da obsessão fantasmática, esta obsessão que [...] dos elementos emocionais que geraram no sujeito, de acordo com o modo de pensamento específico do obsessivo, todo tipo de medos *obsessivos*.

A saber:

– que este suplício possa ser concebido como, um dia, sendo realizado, chegando às pessoas que lhe são mais queridas: e particularmente a esta personagem da mulher pobre, idealizada, a qual ele dedica

um amor de que veremos daqui a pouco qual é o estilo e o valor próprio, a própria forma de amor de que o sujeito obsessivo é capaz,

- quer que este tormento aconteça, o que é ainda mais paradoxal, ao seu pai, que, no entanto, nesse momento, morreu e foi reduzido a uma personagem imaginada no além.

Mas mesmo no além, medos fantasmáticos, uma espécie de apreensão obsessiva da imagem fantasmática do suplício, atormenta o sujeito e leva-o a uma série de comportamentos, dos quais lhes passo os elos intermediários, mas que, para ele, paradoxalmente, conduzem à obrigação de pagar, em certas condições absolutamente particulares, tais como as construções neuróticas do obcecado acabam por conseguir confinar com as construções propriamente delirantes.

Ele se encontra na seguinte situação - trata-se também de um incidente que ocorreu durante os eventos desencadeantes da neurose - ele se vê obrigado a pagar o preço de um objeto que não é indiferente especificar: um par de óculos, que ele deixou perder durante as grandes manobras em que a história ouvida por ele, e durante a qual a presente crise obsessiva foi desencadeada.

É um dos oficiais que conta a história, um oficial que o impressiona muito com uma certa exibição, a própria história confirma, um certo desfile de gostos punitivos e cruéis. O sujeito pede a seu oftalmologista em Viena uma substituição urgente de seus óculos - por tudo isso, é claro, acontece primeiro na Áustria-Hungria, antes da deflagração da Primeira Guerra Mundial - por correio expresso.

O oftalmologista lhe envia um pequeno pacote contendo o objeto, e o oficial que lhe contou a história da tortura lhe conta que ele deve o reembolso ao Sr. fulano de tal, um tenente que supostamente pagou a quantia por ele. É, portanto, em torno dessa ideia de ressarcimento que o sujeito faz uma espécie de *dever neurótico de reembolsar a soma*, sob certas condições. Este dever ele se impõe, na forma deste *comando interior* que surge

na psique *obsessiva*, em contradição com o primeiro movimento que se expressa na forma: assim, ele está ligado a si mesmo por uma espécie de *juramento*.

Entretanto, ele logo percebe que este imperativo não diz respeito a nada imediatamente percebido, já que não é o tenente que pagou nada - ele nunca cuidou dos assuntos do correio - não é este tenente, a quem chamaremos de tenente A, mas um tenente B que cuida disso. Portanto, é este último que terá que ser *reembolsado*.

Mas o assunto não termina aí. O sujeito sabe perfeitamente bem - descobrimos isso depois, no momento em que todas essas elucidações ocorrem nele - que na realidade ele não deve essa soma ao Tenente B, mas simplesmente à *senhora dos correios*, que teve a gentileza de confiar neste *honorável cavalheiro* que é *oficial*, que está nas proximidades. No entanto, o sujeito será atormentado até o final de seu período de manobras, até que ele venha a confiar nos cuidados de FREUD em um estado de máxima angústia.

Será perseguido por uma espécie de conflito ansioso, tão característico da vivência dos obsessivos, que gira todo em torno do seguinte cenário: uma vez que jurou que reembolsaria a soma, convém - *para que não chegue aos que ele mais ama, as catástrofes anunciadas pela obsessão* - que ele faça com que o tenente A reembolse a soma em questão à generosa senhora dos correios, esta a entregará diante dele ao tenente B, e ele mesmo assim poderá, devolvendo dinheiro ao Tenente A, que até agora não prestou absolutamente nada no caso, cumprindo o seu juramento, ou seja, completar a cerimônia obsessiva que lhe parece necessária.

Eis para onde o leva, por uma espécie de dedução própria dos neuróticos, a necessidade interna que o comanda. Você pode reconhecer neste esquema - da passagem de uma certa soma de dinheiro do tenente A à senhora dos correios, a senhora generosa que, para ele, encontrou o pagamento, e depois, da senhora dos correios a outro personagem masculino - algo que...

- de forma *complementar* em alguns pontos,
- *suplementares* sobre outros,
- *paralelo* de algumas maneiras,
- e *invertido* em outro ponto

... É exatamente *o equivalente da situação original* na medida em que certamente pesa, até certo ponto, na mente do sujeito, em sua formação, em suas relações essenciais, em tudo o que o faz este personagem, com um modo muito especial de relacionamento com os homens, que é chamado *de neurótico*. É claro, este cenário é absolutamente impossível de cumprir, quanto mais não seja porque o sujeito sabe perfeitamente que em tudo isso ele não deve nem A nem B nada. *Ele deve algo à senhora dos correios*, e se o cenário se cumprisse, seria, em última instância, *a senhora dos correios* que pagaria por isso.

Na verdade, como sempre acontece na vida real dos neuróticos, a realidade imperativa do real prevalece sobre tudo isso, o que o atormenta infinitamente, o atormenta até mesmo no trem, o que na verdade o leva de volta na direção estritamente oposta àquela que ele deveria tomar para ir e cumprir *a cerimônia expiatória com a senhora dos correios*. Ele se dirige para Viena, pensando - em cada estação - que ainda pode sair, realizar o rito inteiro. No entanto, ele não faz nada, ele simplesmente se contenta, uma vez que ele começou o tratamento com FREUD, para enviar um mandado à *senhora dos correios*.

Assim, este cenário, *fantasmaticamente*, apresenta-se como um pequeno drama, *um gesto*<sup>3</sup>, que é precisamente o que eu chamo de manifestação do *mito individual do neurótico*, na medida em que expressa...

sem dúvida, de uma forma que é fechada ao assunto, mas não absolutamente fechada, longe disso, para quem o observa ou o ajuda a se libertar nesta ocasião

---

<sup>3</sup> Gesto (substantivo feminino): Poema em verso decassílabo ou em verso alexandrino onde é contando de forma lendaria a história de figuras históricas.

...qualquer coisa que reflete exatamente...

embora obviamente a relação não esteja totalmente elucidada pela forma puramente factual com que o expus a vocês

...a relação inicial e inaugural entre o pai, a mãe e o personagem mais ou menos apagado no passado, o amigo.

Foi devido à apreensão subjetiva que a personagem em questão teve, que *esta constelação* adquire o seu valor.

Mas vamos tentar ver, através do próprio mito, a que responde e o que pensar. Enfatizo que o que dá o caráter mítico a esse pequeno cenário fantasmático não é simplesmente o fato de se manifestar como uma espécie de cerimônia significativa e reproduzir mais ou menos exatamente as relações que, em relação ao seu conteúdo presente, são secretas, como se estivessem ocultas, mas também que modifica essas relações na direção de certa tendência.

Podemos dizer que originalmente tínhamos algo que poderia ser definido por uma dívida do pai para com o amigo. Esqueci de lhe dizer que o pai nunca encontrou esse amigo - é isso que permanece misterioso em toda a história da origem do assunto - e ele nunca foi capaz de pagar sua dívida. Por outro lado, há pouco que podemos chamar, na história do pai de "*substituição*": *substituição da mulher rica pela mulher pobre*.

E dentro da fantasia desenvolvida pelo sujeito, vemos essa coisa bastante singular: algo como uma troca dos termos terminais de cada uma dessas relações funcionais. Vemos isso, para que a dívida seja devolvida, não é uma questão de devolvê-la ao amigo, é uma questão de devolvê-la à *pobre mulher*. Pois o que o aprofundamento dos fatos fundamentais em questão na crise obsessiva mostrou é que o que é realmente o objeto do desejo "*tentador*" do sujeito de retornar ao lugar onde está à *senhora dos correios*, não é essa senhora.



Este é um personagem que, na história recente, incorpora o personagem da pobre mulher: é um servo de uma pousada que durante as manobras, e na atmosfera de calor heroico que caracteriza a fraternidade histórica, ele conheceu, e com o qual ele se envolveu em algumas dessas operações butt-clamp\* que caracterizam esta generosa fraternidade. Trata-se de devolver a dívida à *mulher* pobre, e o cenário imaginado nos mostra algo que é a substituição *da mulher rica pela pobre*. Tudo acontece como se os becos sem saída peculiares à situação original, ou seja, o que não é resolvido em algum lugar se movesse para outro ponto "*focal*" da rede mítica, sempre reproduzido em algum momento.

Para entender completamente, devemos ver isso. Na situação original, como eu retratei para você, há uma espécie de dívida dupla:

- frustração, por um lado, do personagem que desapareceu, ou mesmo *uma espécie de castração do Pai*,

- e, por outro lado, o elemento da dívida social nunca resolvida que está envolvida na relação com o personagem que tem como plano de fundo o amigo.

Algo que, em suma, é muito diferente da relação triangular que é considerada tipicamente na origem do curso e do desenvolvimento estritamente neurótico.

---

\*Durante a tradução não encontramos um termo em português cujo uso representasse uma tradução satisfatória da expressão "Pince-fesses" em francês. Consideramos, portanto, as seguintes significações possíveis: (1) Um "Pince-fesses" é um substantivo masculino, usado em linguagem coloquial, para se referir a uma recepção ou festa em um ambiente burguês e tenso; (2) Um "Pince-fesses" também é uma pessoa reconhecida por ser bastante rígida e beliscar as nádegas. (<https://www.linternaute.fr/dictionnaire/fr/definition/pince-fesses/>). Destacamos a relação de ambiguidade dentre os possíveis significados encontrados e o acompanhamento de caso do Homem dos Ratos, acompanhado por Lacan neste texto.

Há uma espécie de ambiguidade aqui, uma espécie de diplopia<sup>4</sup>, uma situação em que o elemento da dívida é colocado de certa forma em dois planos ao mesmo tempo, e é precisamente na impossibilidade de unir esses dois planos que todo o drama do neurótico se desenrola, como se fosse tentando fazê-los se sobrepor que ele estava fazendo uma espécie de operação rotativa, nunca satisfatória, que nunca consegue completar seu ciclo.

Isto é de fato o que acontece a seguir. O que acontece quando *O Homem dos ratos* confia à FREUD, *ao amigo* que é FREUD? Porque FREUD se substitui muito diretamente, nas relações afetivas do sujeito, a *um amigo* que cumpriu o papel de guia, conselheiro, protetor, tutor tranquilizador.

O sujeito já tinha alguém em sua vida que cumpria essa *função amigável*, a quem confiava suas obsessões, suas ansiedades e que lhe diria: "*Você nunca fez o mal que pensa ter feito, você não é culpado, não preste atenção.*".

Mas ele vai procurar FREUD e *o coloca no lugar desse amigo*. E então muito rapidamente fantasias agressivas são desencadeadas, que não estão de modo algum ligadas, longe disso, apenas à substituição de FREUD - como a interpretação do próprio FREUD tende a mostrar constantemente - substituição pelo pai, mas se devem ao fato de que, como na fantasia, há a *substituição* do chamado caráter *da mulher rica pelo amigo*.

Muito rapidamente, de fato, o sujeito...

neste tipo de delírio curto que constitui, pelo menos em assuntos muito profundamente neuróticos, uma verdadeira fase de paixão dentro da própria experiência analítica

---

<sup>4</sup> Diplopia: perturbação visual que consiste na percepção de duas ou mais imagens para um único objeto.

...começa a imaginar que FREUD não deseja nada menos do que dar-lhe sua própria filha, de quem ele *fantasmaticamente* faz um personagem encarregado de todos os bens da terra dos quais ele sonha. E ele a representa na forma bastante singular e muito característica de um personagem com "*óculos de merda*" sobre os olhos<sup>5</sup>.

É, portanto, a substituição de um personagem que é ao mesmo tempo protetor e maligno para o personagem de FREUD, ambíguo, em uma relação narcisista com o sujeito, marcado pelos óculos. É algo bastante impressionante. Assim, mito e fantasia se unem. A experiência apaixonada, que está ligada à experiência real e atual, para a relação com o analista, marca a passagem, o trampolim para a resolução de uma série de problemas, através destas identificações.

Tomei um exemplo particular aqui. Mas o que eu gostaria de insistir - porque é uma realidade clínica e pode ser útil na orientação da experiência analítica, e este é um padrão geral no neurótico - é uma situação de um *quarteto*: um *quarteto* que se renova constantemente, mas que não existe no mesmo plano.

Digamos, para esquematizar as ideias, que para um sujeito masculino, o problema de seu equilíbrio moral e psíquico é o da assunção de sua própria função...

na medida em que é uma função de independência, moral, psíquica e ética, que é da assunção do próprio papel, na medida em que é reconhecido como tal em sua função

... a assunção do próprio trabalho no sentido de que se assume os frutos do mesmo sem conflitos, sem ter a sensação de que outra pessoa o merece, ou que ele próprio o tem apenas por gancho ou por vigarista, sem que haja uma divisão interna que torna o sujeito de alguma forma a testemunha alienada dos atos de seu próprio *eu*.

---

<sup>5</sup> S.FREUD: cinco psicanalises, p.229: "Reproduzo aqui um dos sonhos desse período do tratamento para mostrar em que estilo seus sentimentos foram expressos: ele vê minha filha na frente dele, mas ele tem dois pedaços de cocô nos olhos. Para todos aqueles que conhecem a linguagem dos sonhos, a tradução deste será fácil: ele se casa com a minha filha, não por seus lindos olhos, mas por seu dinheiro."

Este é o primeiro requisito. O outro é este: prazer que pode ser descrito como pacífico, e igualmente unívoco, do objeto sexual uma vez escolhido, uma vez concebido à vida do sujeito.

Bem, no neurótico, o que vemos acontecer é algo que é mais ou menos assim: cada vez que o sujeito é bem-sucedido, ou visa nesta suposição de seu próprio papel - no sentido de que o sujeito assume suas responsabilidades até certo ponto, tornar-se idêntico a si mesmo e garante a validade de sua própria manifestação no determinado complexo social - ele é o objeto, é este personagem do parceiro sexual que se divide, aqui na forma da mulher rica e da mulher pobre.

E basta entrar, já não *no fantasma*, mas na vida real do sujeito, para tatear que o que está em pauta é esta coisa que é realmente impressionante na psicologia *dos neuróticos*. Isso é especialmente verdadeiro *a aura de cancelamento* que mais familiarmente envolve para ele o parceiro sexual que tem mais realidade, quem é o mais próximo, com quem ele geralmente tem os laços mais legítimos, seja *um caso* ou *um casamento*.

E por outro lado, um personagem que duplica o primeiro, que é objeto de uma paixão mais ou menos idealizada, mais ou menos perseguida de forma fantasmática, com um estilo que pode ser considerado análogo ao do amor apaixonado, e que, além disso, leva à identificação realizada na experiência vivida da maneira mais ativa, uma relação narcisista com o sujeito, ou seja, uma relação de uma ordem efetivamente mortal. Bem, esta duplicação do parceiro sexual, do objeto de amor, se vemos o sujeito de outro lado, em outra faceta de sua vida, fazemos um esforço para recuperar sua unidade e sua sensibilidade, está então na outra ponta da cadeia relacional, ou seja, em assunção de sua própria função social - de sua própria virilidade, já que escolhi o caso de um homem - que o sujeito vê aparecer ao seu lado, por assim dizer, um personagem com quem ele

também tem esta relação narcisista como um relacionamento, um personagem que ele delega para representá-lo no mundo e para viver, que não é realmente ele. Ele se sente excluído, ele se sente fora de sua própria experiência, ele não pode assumir as particularidades, as contingências, ele se sente desajustado com sua própria função, sua própria existência, e nesta alternância o impasse se reproduz.

É nesta forma muito especial de duplicação narcísica que reside o drama pessoal do neurótico, e aquilo em relação ao qual as várias formações e estruturas míticas que lhes dei adquirem todo o seu valor. Dado um exemplo anterior na forma de uma fantasia obsessiva, mas que pode ser encontrada em muitas outras formas, em sonhos, em muitos casos bastante exemplares, nos relatos de meus pacientes, sobre o que pode realmente ser mostrado sobre as peculiaridades originais de seu caso, de uma forma claramente muito mais rigorosa e viva para o sujeito do que segundo os esquemas tradicionais resultantes da tematização, por assim dizer, *triangular do complexo de Édipo*.

Gostaria de citar *outro caso*, particularmente significativo e exemplar, para mostrar sua consistência com o 1º. Tomarei algo muito próximo da observação do *Homem dos Ratos*, mas sobre um assunto de outra ordem, pois é poesia ou ficção literária, pois é um elemento da vida do próprio GOETHE.

Mas não é trazido artificialmente: trata-se de um episódio extremamente valorizado nas confidências do *Homem dos Ratos*<sup>6</sup> um dos momentos de suas leituras, um dos temas literários mais valorizados para ele, é aquele em que GOETHE conta, na *Poesia e Verdade*, um episódio de sua vida juvenil.

Tem então 22 anos. Está em Estrasburgo. E este é o célebre episódio de Friederike BRION. Ele nos conta como esta espécie de paixão constituiu mais tarde, na

---

<sup>6</sup> S. Freud: Cinco psicanálises, p. 232.

sua vida, um tema nostálgico que não se extinguiu até uma época avançada de sua história.

Ele nos diz em *poesia e verdade*<sup>7</sup> como em Friederike Brion, filha de um pastor de uma pequena aldeia perto de Estrasburgo, ele conseguiu superar a maldição que lhe foi trazida em qualquer reaproximação apaixonado por uma mulher, e muito especialmente no beijo nos lábios, um beijo que lhe fora proibido depois dessa *maldição* que lhe fora lançada

por uma personagem de seus amores antecedentes, chamada Lucinde.

Lucinde o surpreende durante uma cena, com sua própria irmã, um personagem um pouco magro demais para ser honesto, que está no processo de persuadir GOETHE dos estragos que ele está exercendo sobre Lucinde e, ao mesmo tempo, implorando-lhe para se afastar e para dar a ela, a mosca fina, a promessa do último beijo. Foi então que Lucinde surgiu e disse: "*Que esses lábios sejam amaldiçoados para sempre. Que o infortúnio aconteça ao primeiro que receberá o tributo*<sup>8</sup>".

Obviamente, não é sem razão e sem profundas repercussões que GOETHE, então em toda a paixão de conquistar a adolescência, acolhe como algo que, doravante, por muito tempo, bloqueia o caminho para ele em todos os seus empreendimentos amorosos, cuja maldição é uma questão. E ele nos conta como, exultante com a descoberta dessa garota encantadora que é Friederike BRION, ele consegue pela primeira vez *superar a proibição* e sente a intoxicação do triunfo, após essa apreensão, de algo mais forte do que suas próprias proibições internas assumidas. O que é isso de fato?

---

<sup>7</sup> J.W.Goethe: memórias da minha vida. Poesia e verdade (memórias de uma vida, ficção e verdade), Aubier, 1941, 1991.

<sup>8</sup> J. W. Goethe: poesia e verdade, p. 254.

Você sabe que este é um dos episódios mais enigmáticos da vida de GOETHE, e que os *Goetheforscher*\*...

aquelas pessoas muito particulares que se apegam a um autor, aquelas cujas palavras deram forma para nossos sentimentos, sejam elas chamadas de *Stendhalian* ou Bossuettistas, e que passam seu tempo rondando papéis e armários para analisar o que sua genialidade trouxe à luz

...os *Goetheforscher* debruçaram-se sobre este fato verdadeiramente extraordinário do abandono de Friederike por GOETHE.

Eles nos deram todos os tipos de razões. Eu não gostaria de listá-las aqui. É certo que todos cheiram a esse tipo de filisteísmo que é correlato a essas pesquisas, quando são realizadas no comum. E, na verdade, também não se exclui dizer que há sempre alguma obscura dissimulação do filisteísmo *nas manifestações da neurose*, porque é de fato uma manifestação propriamente dita neurótica que está em causa no caso de GOETHE, como será demonstrado por certo número de considerações que agora vou apresentar.

Existem todos os tipos de características *enigmáticas* na maneira como GOETHE aborda esta aventura com Friederike BRION. Quase direi que é nos antecedentes imediatos que reside a chave, a solução do problema. Para resumir, GOETHE, que na época morava em Estrasburgo com um amigo seu, sabia há muito tempo sobre a existência dessa família aberta, gentil e acolhedora que são os BRION<sup>9</sup>. Mas quando BRION vai, ele passa cercando-se de precauções, das quais ele nos diz, em sua biografia, a personagem muito divertida. Mas, na verdade, quando olhamos para os detalhes, não podemos deixar de nos surpreender com a estrutura realmente

---

\* *Goetheforschung* é um termo alemão originário do século 19 para o Movimento Goethe, centrado no estudo amador e acadêmico da vida de Johann Wolfgang von Goethe.

(<https://en.wikipedia.org/wiki/Goetheforschung>), acessado em 30/06/2022).

<sup>9</sup> J. W. Goethe: poesia e verdade, p. 254.

contornada e singular que eles parecem revelar. Ele acha que tem que ir lá disfarçado primeiro.

GOETHE, filho de um grande burguês de Frankfurt, distinguiu-se entre seus camaradas pela facilidade de maneiras, o prestígio devido ao traje, um estilo de superioridade social. Mas para visitar a família do pastor ele se disfarça de estudante de teologia, vestindo um casaco de bata especialmente desleixado e desarrumado. Ele sai com seu amigo, e são apenas gargalhadas durante toda a estrada que os farão alcançar o objetivo de sua viagem.

É claro que GOETHE está *excessivamente irritado* desde o momento em que se dá conta de que não parece estar no seu melhor, ou seja, a partir do momento em que a realidade da sedução óbvia e marcante da garota, surgindo contra o pano de fundo desta atmosfera familiar, deixa claro para ele que se ele quer se mostrar em sua melhor e mais bela luz ele tem que mudar este espantoso disfarce o mais rápido possível.

As justificações que ele deu inicialmente são muito estranhas. Não evoca nada menos do que o disfarce que os deuses usavam para descer no meio dos homens, o que parece - ele mesmo sublinha-o no estilo do adolescente que era então - certamente marcado, mais do que a paixão de que falei antes: algo que beira a megalomania delirante.

Se olharmos para as coisas em detalhes, o próprio texto de GOETHE nos mostra o que ele pensa sobre isso: é que, afinal, por essa maneira de se disfarçar, os deuses estavam tentando principalmente evitar problemas e, simplificando, que era uma forma de não ter que se ressentir da familiaridade dos mortais como ofensas. E que, no final, o que os deuses provavelmente perderão, quando descerem ao nível dos homens, é sua imortalidade, e que a única maneira de escapar dessa perda é precisamente se colocar no nível dos mortais: pelo menos, naquele momento, eles têm certa chance de que essa imortalidade não seja violada.



Foi realmente algo parecido. Isto é demonstrado ainda mais claramente em seguida, quando GOETHE retorna a Estrasburgo para retomar sua bela vestimenta, não sem ter sentido, a indelicadeza de ter se apresentado de uma forma que não é a sua, e ter de alguma forma enganado a confiança dessas pessoas que o receberam com encantadora hospitalidade. E de fato, encontramos nesta história a própria nota do *gemütlich* (acolhedor, família).

Então ele retorna a Estrasburgo, mas longe de cumprir seu desejo de retornar à aldeia pomposamente enfeitada, ele não encontra mais nada além de substituir esse disfarce por um segundo disfarce, que ele empresta de um estalajadeiro, passando por uma aldeia que está a caminho. Ele aparecerá *disfarçado*, desta vez de uma forma ainda mais estranha e discordante do que a primeira vez. Sem dúvida, ele se resume a um jogo, mas um jogo que está se tornando cada vez mais significativo, porque na verdade ele não se coloca mais no nível do estudante de teologia, mas um pouco abaixo, ele está brincando.

E tudo isso está entrelaçado com uma série de detalhes intencionais, o que significa que, em suma, todos entendem e se sentem muito bem, todos aqueles que colaboram nessa brincadeira, que trata de algo que está muito intimamente relacionado ao jogo sexual, o jogo do desfile. Existem até alguns detalhes que assumiram seu valor, se assim podemos dizer, de imprecisão, porque, como o título *Dichtung und Wahrheit* indica, GOETHE estava claramente ciente de que ele tinha o direito - e provavelmente não tinha o poder de fazer o oposto - harmonizar, organizar suas memórias com todos os tipos de ficções que, para ele, preenchem as lacunas, mas cuja imprecisão foi demonstrada pelo ardor daqueles que eu disse anteriormente que seguiam os grandes homens em suas trilhas, e que precisamente são ainda mais reveladoras do que pode ser chamado de "*as verdadeiras intenções*" de toda a cena.

GOETHE nos diz, por exemplo, que ele se apresentou sob o disfarce de um menino da pousada, mas desta vez não apenas disfarçado, mas careta, e divertiu-se longamente com o *mal-entendido* resultante. Mas ele também se apresentou como o portador de um bolo *de batismo*. Agora, os *Goetheforschers* demonstraram que, seis meses antes e seis meses após o episódio de Friederike, não houve batismo. O *bolo do batismo*, uma homenagem tradicional ao pastor, não pode ser outra coisa senão uma fantasia dos *Goetheforschers*. O *bolo do batismo*, aos nossos olhos, obviamente assume todo o seu valor significativo pela função paterna que implica.

E o fato que justamente, em suas memórias, GOETHE se especifica como não sendo o pai, mas aquele que traz expressamente algo que tem uma relação externa à cerimônia, ele se torna o suboficial, mas não o herói principal. Para que toda essa cerimônia *de evitação, fuga*, apareça na verdade não apenas como um jogo, mas muito mais profundamente como uma preocupação, e está no registro do que chamei anteriormente de duplicação da própria função pessoal do sujeito em relação a si mesmo, nas manifestações míticas do neurótico.

É essencialmente na medida em que GOETHE, nesse momento, tem medo - como o manifestará em seguida, pois esta ligação só irá declinar - que aja assim. E parece que ele:

- longe do desencanto, o desencantamento da maldição original ocorreu *depois* que GOETHE ousou atravessar a barreira,

- pelo contrário, em todos os tipos de formas substitutivas - e a noção de substituição é mesmo indicada no texto de GOETHE - *os receios* eram sempre crescentes da *realização* desta união e deste amor, e que todas as formas racionalizadas que dela se podem dar, a saber: não se ligar, preservar o destino sagrado do poeta, ou mesmo a diferença de nível social que podia vagamente impedir a união de GOETHE com esta

menina encantadora, tudo isso não faz mais do que o *vestuário*, a superfície da corrente infinitamente mais profunda que *é a da fuga, da fuga* em frente do objeto, o objetivo desejado.

Onde também vemos a equivalência que eu estava falando antes sendo reproduzida: *duplicação* do sujeito, alienação de si mesmo, a quem ele dá uma espécie de substituto no qual todas as ameaças mortais devem, em princípio, ser feitas, ou pelo contrário, quando ele de alguma forma reintegra esse personagem substituto em si mesmo, impossibilidade de alcançar o objetivo.

Não quero insistir. Há também aqui uma irmã que vem em segundo lugar completar o caráter estrutural e mítico de toda a situação. Friederike tem uma dupla, uma irmã chamada Olivia. Eu só posso dar-lhe aqui a tematização geral da aventura.

Mas se você retomar o texto de GOETHE verá que o que pode aparecer aqui, em uma rápida exposição, como uma construção, é confirmado por todos os tipos de detalhes extraordinariamente manifestos e marcantes, mesmo e incluindo as analogias literárias que são dadas por GOETHE, com a conhecida história do *Vigário de Wakefield*<sup>10</sup>, que também representa, em um nível fantasmático, uma espécie de equivalência e transposição de toda a aventura com Friederike BRION.

De que é que se trata, *neste mito quaternário*, se é que se pode dizer que encontramos tão fundamentalmente no caráter dos becos sem saída, das insolubilidades da situação vital dos neuróticos? Isso é algo que acontece para nós com uma estrutura bastante diferente do que tradicionalmente nos é dado como a proibição do pai, o desejo incestuoso da mãe com o que pode comportar como efeito de repressão, proibida, e várias proliferações mais ou menos luxuriantes de sintomas em torno da relação fundamental chamada edipiana.

---

<sup>10</sup> Oliver Goldsmith: O Vigário de Wakefield, José Corti, 2001, coleção romântica.

Bem, acho que isso deve nos levar a uma discussão muito fundamental sobre o que é a economia da teoria antropológica geral que emerge da doutrina analítica, tal como cabe a ensinada até aqui, a uma crítica de todo o esquema do Édipo.

É definitivamente algo que eu não posso entrar esta noite.

Não posso, no entanto, deixar de salientar que a solução deste problema, e se você quiser o quarto elemento do qual é uma questão, que manifesta uma estrutura vivida bastante diferente da que temos experiência na análise, está relacionada a isso. Se, de fato, postularmos que a situação mais *normalizadora* da experiência emocional original do sujeito moderno, na forma reduzida que é a estrutura familiar, a forma da família conjugal, está ligada ao fato de que *o pai é o representante*, a personificação de uma função simbólica essencial, que concentra nela o que é mais essencial e mais desenvolvido em outras estruturas culturais, ou seja, no que diz respeito ao pai da família conjugal, os prazeres, diríamos pacíficos - mas eu digo que os prazeres simbólicos - determinados culturalmente, estruturados e baseados no amor da mãe - isto é, do polo que representa o fator natural, ao qual o sujeito está vinculado por um elo, que é indubitavelmente natural - essa suposição da função do pai pressupõe uma simples relação simbólica, onde, de certa forma, *o simbólico* cobriria totalmente *o real*: o pai não seria apenas o *Nome do Pai*, mas realmente um pai assumindo e representando, em toda a sua plenitude, essa função simbólica, encarnada, cristalizada na função do pai.

É claro que essa sobreposição do *simbólico* e do *real*\* é absolutamente imprecisa, e que pelo menos em uma estrutura social como a nossa, o pai é sempre, de algum lado, um pai *discordante* em relação à sua função, um pai *atencioso*, um pai *humilhado*

---

\* É claro que esse recobrimento do real pelo simbólico é a proposta que nós do logos defendemos com maior sentido, mas o texto não permite tal interpretação.

como diria o Sr. CLAUDEL<sup>11</sup>. E há sempre uma discrepância extremamente clara entre o que é percebido pelo sujeito no plano do real e essa função simbólica. É nessa lacuna que *reside* o que faz com que o *complexo de Édipo* tenha seu valor, não *normalizante*, mas na maioria das vezes *patogênico*. Mas isso não quer dizer nada que nos avance muito.

O próximo passo, aquele que nos faz entender o que está em jogo nesta *estrutura quaternária*, é este: *este algo* que é a segunda grande descoberta da análise, que não é menos importante do que a manifestação da função simbólica do edipismo para a formação do sujeito é a relação narcisista, a relação que é fundamental para todo o desenvolvimento imaginário do ser humano, a relação narcisista com o semelhante na medida em que está relacionada com o que pode ser chamado de "*a primeira experiência implícita da morte*".

É uma das experiências mais fundamentais, a mais constitutiva para o sujeito, que *este algo*, para si mesmo estranho a si mesmo, que é chamado de *ego*: que o sujeito se vê a princípio em outro, mais avançado, mais perfeito do que ele mesmo, e que ele até vê sua própria imagem no espelho em um momento em que a experiência prova que ele é capaz de percebê-la como um todo, enquanto ele próprio está na desordem original de todas as funções motoras efetivas, que é a dos primeiros seis meses após o nascimento.

O sujeito sempre tem, em relação a si mesmo, essa relação, por um lado, antecipada por sua própria *realização*, que o rejeita a si mesmo, por uma dialética de dois cuja estrutura é perfeitamente concebível, que o rejeita no plano de uma insuficiência, uma rachadura profunda, um rasgo original, um abandono - para usar um termo heideggeriano - bastante constitutivo de sua condição como homem, através do qual sua

---

<sup>11</sup> Cf. Trilogia de Paul Claudel: o refém; o pão duro; o pai humilhado. Gallimard, Plêiade, 1956, Teatro II, ou fôlio n° 170.

vida é integrada à dialética. E muito especificamente, o que se manifesta em todas as relações imaginárias através das quais existe é, positivamente, uma espécie de experiência de morte original que é, sem dúvida, constitutiva de todas as formas, de todas as manifestações da condição humana, mas mais especialmente se manifesta na conduta, na experiência vivida, nas fantasias do neurótico.

É, portanto, até agora, que *o pai imaginário* e *o pai simbólico* são mais frequentes e fundamentalmente distintos, e não apenas pela razão estrutural que estou indicando para vocês, mas também pela forma histórica, contingente, particular ao sujeito.

No caso dos neuróticos, da maneira mais clara, é muito frequente que o personagem do pai, por algum incidente da vida real, seja um personagem dividido:

– ou que o pai tenha morrido cedo, que seja substituído por um padrasto, com quem o sujeito está muito facilmente numa relação infinitamente mais fraterna, no sentido de que se comprometerá muito naturalmente com o plano desta virilidade ciumenta que é a própria dimensão da relação agressiva na relação narcísica,

– seja o personagem da mãe, as circunstâncias da vida que deram acesso, no grupo família, para outra mãe que não é mais a verdadeira mãe,

– ou que a intervenção do personagem fraterno introduz assim efetivamente a ambos – de função simbólica – esta relação mortal de que vos falo, e ao mesmo tempo a encarna na história do sujeito de uma forma que lhe dá um suporte histórico muito real, para acabar com o quarteto mítico.

E muito frequentemente, como eu disse em "*O Homem dos Ratos*", na forma deste amigo desconhecido e nunca encontrado que desempenha um papel tão essencial na lenda da família, o quarteto encontra-se efetivamente encarnado e reintegrado na história do sujeito. Ignorá-lo e desconhecer a sua importância é evidentemente desconhecer o

elemento dinâmico mais importante na própria cura. Mas de qualquer forma, aqui estamos para o destacar.

Que quarto elemento intervém no edifício como formador? Pois bem, consideramos que *este quarto elemento é a morte, a morte* enquanto tal, sendo, aliás, perfeitamente inconcebível como elemento mediador. Antes que a teoria freudiana tenha enfatizado, em suma, com a existência do pai, uma função que é, podemos dizer, tanto a função da fala quanto a função do amor, a metafísica hegeliana não hesitou em construir toda a fenomenologia das relações humanas em torno da mediação mortal, e é perfeitamente concebível como o terço essencial do progresso pelo qual o homem se humaniza numa certa relação com o seu semelhante.

E pode-se até dizer que a teoria do narcisismo, como expus a você anteriormente, explica certos fatos, que de outra forma podem permanecer enigmáticos na teoria hegeliana: é que, afinal, para que essa dialética *da luta até a morte, a luta do puro prestígio*, possa simplesmente ter sua origem, isso implica que a mesma morte não se realiza, porque senão toda a dialética para, por falta de lutadores e, portanto, a morte deve de alguma forma ser imaginada.

É, de fato, *da morte imaginária* e imaginada que se trata na relação narcisista. É também *da morte imaginária* e imaginada, enquanto se introduz na dialética do drama edipiano, que se trata na formação do neurótico, e talvez, afinal de contas, se possa dizer até certo ponto: em algo que ultrapassa em muito a formação do neurótico, algo que não seria nada menos do que uma atitude existencial, talvez mais característica, específica, do homem moderno. Porque certamente não seria preciso empurrar-me muito para me fazer dizer que aquilo que faz a mediação na experiência analítica real é algo que é da ordem *do discurso* e do *símbolo* e se chama, numa outra linguagem, *um ato de fé*.

Mas certamente, do ponto de vista teórico, não é nem o que a análise exige, nem o que ela implica, e diria que é mais no registo da última palavra pronunciada por este GOETHE, de que não é de todo em vão - acreditem - eu trouxe esta noite, a título de exemplo, este GOETHE, cujo trabalho, inspiração, presença vivida, extraordinariamente impregnada, que certamente animou todo o pensamento freudiano. FREUD confessou - mas isso é pouco com a influência do pensamento de GOETHE sobre a obra de FREUD - que foi a leitura dos poemas de GOETHE que o lançou, decidido em seus estudos médicos e, ao mesmo tempo, decidiu seu destino.

E é numa frase de GOETHE, a última, que direi que se encontra a chave e a mola da nossa pesquisa, da nossa experiência analítica. Estas são as palavras bem conhecidas que ele disse antes de se enterrar de olhos abertos no buraco negro:

*"Mais luz, mais luz"*.\*

---

\* A frase é a mesma em línguas diferentes, respectivamente, francês e alemão.